



Caderneta Agroecológica: Uma perspectiva feminista sobre a economia das agricultoras de Barra do Turvo, SP

Agroecological Handbook: A feminist perspective of the economy of women farmers from Barra do Turvo, SP

TELLES, Liliam¹; ALVARENGA, Camila²; CASTRO Nayara L.³

¹Mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa, liliamtelles@gmail.com;

²Doutoranda em Economia Aplicada na Universidade Federal de Viçosa, camila.alvarenga@ufv.br;

³Graduanda em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de Viçosa, nayara.castro@ufv.br

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: O objetivo da pesquisa foi compreender a economia das mulheres agricultoras agroecológicas a partir do estudo de duas comunidades no Vale do Ribeira (São Paulo, Brasil). Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica tendo como lentes teórico-analíticas a Economia Feminista e a Sociologia Econômica. A coleta de dados foi realizada a partir do uso das Caderneta Agroecológica, de um Questionário de Caracterização Socioeconômica, da realização de entrevistas semiestruturadas e de observação participante. Conclui-se que as agricultoras realizam uma diversidade de trabalhos em sua rotina, porém sua contribuição permanece oculta em relações que não mobilizam recursos monetários, como o autoconsumo, trocas e doações, atividades domésticas e de cuidados. A agroecologia nesse contexto, valoriza as práticas protagonizadas pelas mulheres e visibiliza seu papel econômico fundamental para a reprodução social da agricultura familiar.

Palavras-chave: Feminismo; Agricultura; Mulheres; Agroecologia; Cadernetas Agroecológicas.

Key-words: Feminism; Agriculture; Woman; Agroecology; Agroecological Handbook

Introdução

Alguns autores enunciam a agroecologia como a ciência que estuda o sistema de produção de alimentos, integrando também as relações sociais e institucionais, distribuição e consumo da produção (Francis, 2009). Wezel et al. (2009) explicitam três dimensões que compõem o conceito de agroecologia: a dimensão política, tecnológica e científica. Para a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a agroecologia está alicerçada em sua base social, representada pela diversidade sociocultural da agricultura familiar e urbana e de povos e comunidades tradicionais no Brasil, e deve ser compreendida por seu caráter multidimensional (político, cultural, técnico e científico). Por esse motivo, institucionalizou-se no Brasil a concepção de agroecologia como “ciência, prática e movimento”. Porém, de modo geral ainda prevalece uma concepção tecnicista da agroecologia, quase sempre limitada à transição para um modelo sustentável. Para o Grupo de Trabalho de Mulheres (GT Mulheres) da ANA, a agroecologia é compreendida como um projeto de vida, que busca transformar tanto as relações entre as pessoas quanto as relações das pessoas com a natureza, com base nos princípios da igualdade, solidariedade da justiça. A síntese da plenária das mulheres demarca o posicionamento acumulado no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA): “[...] Temos afirmado que a agroecologia



não é só prática, mas ainda o jeito como o trabalho se organiza, como as pessoas se relacionam entre si e com o ambiente” (Articulação Nacional de Agroecologia, 2018). É essa perspectiva da agroecologia que está implicada neste trabalho, fruto de uma pesquisa de mestrado e realizada com o apoio do GT Mulheres da ANA, de movimentos sociais e organizações de assessoria. Com o objetivo de desvelar a economia invisibilizada das agricultoras agroecológicas e evidenciar como as perspectivas agroecológica e feminista contribuem para a construção de sua autonomia, este trabalho utiliza-se dos arcabouços teóricos da Economia Feminista e da Economia Substantiva de Polanyi, e da metodologia das Cadernetas Agroecológicas. A pesquisa foi realizada no Vale do Ribeira/SP, em duas comunidades no município de Barra do Turvo: o Córrego da Onça e a Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) Terra Seca. Ambas recebem assessoria técnica da Sempreviva Organização Feminista (SOF), uma organização que atua no Brasil e participa do GT Mulheres da ANA. Na comunidade denominada Córrego da Onça, os problemas de acesso à terra que resultaram da concentração e expropriação fundiária por fazendeiros, limita a produção para o autoconsumo das famílias, que passam a depender do mercado ou do Estado para ter acesso à alimentação e a outras necessidades básicas. Ainda que o Córrego da Onça se constitua como uma comunidade negra rural, o auto reconhecimento enquanto remanescente de quilombo não se concretizou devido às dificuldades organizativas da comunidade. A CRQ Terra Seca se diferencia do Córrego da Onça nesse aspecto, assim como no contexto socioeconômico. O seu reconhecimento como Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) permitiu o acesso a uma série de políticas públicas e recursos governamentais, que trouxeram mudanças significativas na situação socioeconômica das famílias. Além disso, a comunidade se organiza através da Associação das Comunidades Remanescentes dos Quilombos dos Bairros Ribeirão Grande e Terra Seca (ACRQRT) e algumas famílias participam da Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis (Cooperafloresta). A invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres implica na divisão desigual do trabalho na família e na sociedade, e as sobrecarrega cotidianamente. Assim, a identificação das estratégias dessas agricultoras agroecológicas para construção de sua autonomia é importante para dar visibilidade às suas atividades econômicas e para orientar práticas que se contraponham ao sentido ortodoxo da economia, que se baseia na experiência masculina, individualista e utilitarista.

Metodologia

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados quantitativos: as Cadernetas Agroecológicas (CA) e o Questionário de Caracterização Socioeconômica (QSC). Além disso, foram adotadas a entrevista semiestruturada e a observação participante para garantir a triangulação das informações. A CA é um instrumento metodológico, em formato de caderno espiral, elaborado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata de Minas Gerais (CTA/ZM) em diálogo com o GT Mulheres da ANA para o monitoramento da produção monetária e não monetária das mulheres. Cada página está organizada por quatro colunas: consumo, doação, troca e venda, onde são anotadas as informações referentes ao tipo de produto, quantidade



e valor monetário da produção das agricultoras. Sugere-se que as anotações sejam feitas diariamente, indicando o mês de referência em cada página. Todas as informações anotadas na CA são sistematizadas para dar visibilidade à contribuição econômica das agricultoras no âmbito familiar e comunitário. O período de anotação das informações se deu de abril de 2017 a fevereiro de 2018, e foram sistematizadas um total de 7 (sete) CA. O Questionário de Caracterização Socioeconômica, como o próprio nome enfatiza, levantou informações socioeconômicas para construir o perfil das mulheres envolvidas na pesquisa. Foram organizados em 11 seções, em que a primeira consistiu no levantamento de dados básicos das agricultoras e as demais seções continham dados sobre a Unidade de Produção Familiar (UPF), acesso a bens naturais, às políticas públicas, aos mercados; informações sobre a organização econômica das agricultoras, composição da renda familiar, principais gastos da família e sobre a participação social das agricultoras. Foram sistematizadas as informações referentes a 7 (sete) questionários. Foram entrevistadas 14 agricultoras, sendo seis do grupo produtivo “Rosas do Vale” do Córrego da Onça, sete do grupo “As Perobas” da CRQ Terra Seca e uma liderança da ACRQRT.

Resultados e discussão

As CA foram um importante instrumento para dar visibilidade ao trabalho e à contribuição das mulheres à economia familiar que, até então, não tinha valor nem para elas mesmas. No Córrego da Onça, onde o valor da produção totaliza R\$4.205,74, a produção para consumo é a mais relevante no sentido econômico, correspondendo a R\$3.019,30 ou quase 72% do valor total da produção. Percebe-se, ainda, que as atividades de troca não são frequentes e correspondem apenas a 0,9% do total movimentado em todas as relações econômicas. Na CRQ Terra Seca, o cenário se distingue, em termos relativos: dos R\$38.804,59 produzidos pelas agricultoras no período de anotação, R\$23.392,96 ou aproximadamente 60% advém da venda da produção. O consumo corresponde proporcionalmente a 31%, e a doação, a 7,6%. Assim como no Córrego da Onça, as atividades de troca ocorrem em proporção muito pequena e não chegam a atingir 1% do total das relações econômicas. Na Figura 1 estão ilustrados os valores totais de produção por relação econômica:

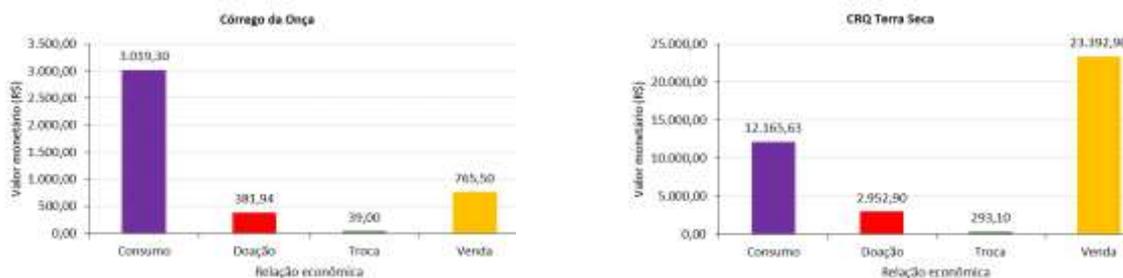


Figura 1. Valor da produção por relação econômica no Córrego da Onça e CRQ Terra Seca.

Fonte: Elaboração própria

Como pode ser observado, o valor produzido pelas agricultoras da CRQ Terra Seca é muito superior ao do Córrego da Onça o que, em partes, se deve à maior disponibilidade de terra, à inserção em distintos mercados e ao acesso à políticas públicas de compras institucionais pela CRQ Terra Seca, em função de sua organização econômica e sociopolítica. Em síntese, a Figura 1, ao sumarizar a proporção entre as relações econômicas estabelecidas por cada agricultora das duas comunidades, dá sustentação empírica ao que, tanto as economistas feministas quanto Polanyi (2000) afirmam a respeito da noção de economia. As atividades não mercantis em ambas as comunidades são muito expressivas e refletem trabalho e renda não monetária revertida em benefício da economia familiar. Essas evidências empíricas reafirmam a necessidade de incorporar a produção econômica não mercantil e todo o conjunto de atividades relacionados a ela, para ressignificar a noção de economia, no sentido substantivo. Somando-se a produção mercantil e não mercantil protagonizada pelas agricultoras, mensalmente, obtemos os resultados de valor da produção que por sua vez podem ser desdobrados nas médias mensais obtidas em cada comunidade, representadas pela Figura 2:



Figura 2. Valor mensal médio da produção no Córrego da Onça e na CRQ Terra Seca

Fonte: Elaboração própria

Os dados relativos às duas comunidades demonstram uma grande variação na produção econômica das agricultoras ao longo do ano, sendo que no Córrego da Onça a vulnerabilidade é nitidamente maior quando comparados aos valores nos meses de menor produção da CRQ Terra Seca. Essa variação na produção econômica das



agricultoras pode estar relacionada a distintos fatores, como a dificuldade de planejamento na produção para manter uma diversidade de produtos e regularidade ao longo do ano, o limitado acesso a mercados, ou à dificuldade de acesso à terra; estes dois últimos, especialmente para o Córrego da Onça. Para além do fato de que as anotações nas cadernetas são, muitas vezes, infrequentes e variáveis de acordo com o contexto socioeconômico das agricultoras, existe um outro componente que contribui para a subestimação do valor econômico da produção dessas mulheres: a dificuldade de valoração da produção não monetária. As agricultoras tiveram dificuldades de precificar itens que não tinham valor de mercado determinado, seja porque não costumavam adquirir esses produtos, ou porque haviam embutido neles um valor simbólico que não correspondia a qualquer valor de mercado. De toda forma, as variações na produção ao longo do ano expressam a vulnerabilidade das agricultoras e suas famílias para a geração de renda oriunda da produção agroecológica.

Conclusões

As agricultoras agroecológicas realizam uma diversidade de trabalhos, mas ainda permanecem ocultas as práticas econômicas e racionalidades que operam em sua vida cotidiana. Através das Cadernetas Agroecológicas, foi possível demonstrar que a produção econômica, oriunda dos espaços de domínio das mulheres, não é incipiente. Pode-se afirmar, portanto, que as relações de interdependência entre as diferentes atividades mercantis e não mercantis em que as mulheres estão envolvidas e pelas quais são responsáveis, dão sustentação à economia familiar das agricultoras do Córrego da Onça e da CRQ Terra Seca em Barra do Turvo. Através do uso de diferentes estratégias, elas garantem a autonomia econômica da unidade familiar, da comunidade e de si próprias. Por fim, conclui-se que a construção da agroecologia, desde a perspectiva feminista, permite valorizar as práticas econômicas e dar visibilidade ao protagonismo das agricultoras nas diferentes esferas da vida. Fica claro que mesmo nas relações da esfera mercantil, a lógica da autossuficiência e da reprodução da vida se sobrepõe às práticas econômicas hegemônicas. São as regras morais construídas pelas agricultoras que, de certa forma, regulam o mercado local, demonstram sua importância na constituição de uma economia substantiva, justa, agroecológica e feminista.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao ECOA – Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV; e ao TED MDA/UFV nº 13/2016.

Referência Bibliográfica

Articulação Nacional de Agroecologia. (2018). **Rios da memória das mulheres da agroecologia**. IV Encontro Nacional de Agroecologia. Retrieved from



<http://www.agroecologia.org.br/2018/06/03/rios-da-memoria-das-mulheres-da-agroecologia/>.

Francis, C. (2009). Education in organic farming and food systems. In: Francis, C. (ed.) **Organic farming: The ecological system**. Agron. Monogr. 54. ASA, CSSA, SSSA, Madison, WI: 283-299.

Polanyi, K. (2000). **A Grande Transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus.

Polanyi, K. (2012). **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto.

Wezel, A., Bellon, S., Doré, T., Francis, C., Vallod, D., & David, C. (2009). Agroecology as a science, a movement and a practice: a review. **Agronomy for sustainable development**, 29(4), 503-515.